

# RESENHA

## A Grande Guerra no Atlântico português<sup>1</sup>

Antônio José Telo  
Augusto Alves Salgado

**TELO, Antônio José; SALGADO, Augusto Alves. *A Grande Guerra no Atlântico português*, v.1. Lisboa: Fronteira do Caos, 2018.**

A Grande Guerra (1914-1918) foi considerada, por alguns autores, como “a guerra para acabar com todas as guerras”. Essa visão utópica não se sustentou historicamente, e o conflito marcou a abertura sangrenta de um dos períodos mais violentos da história da humanidade, que Eric Hobsbawn definiu como “o breve século XX”.

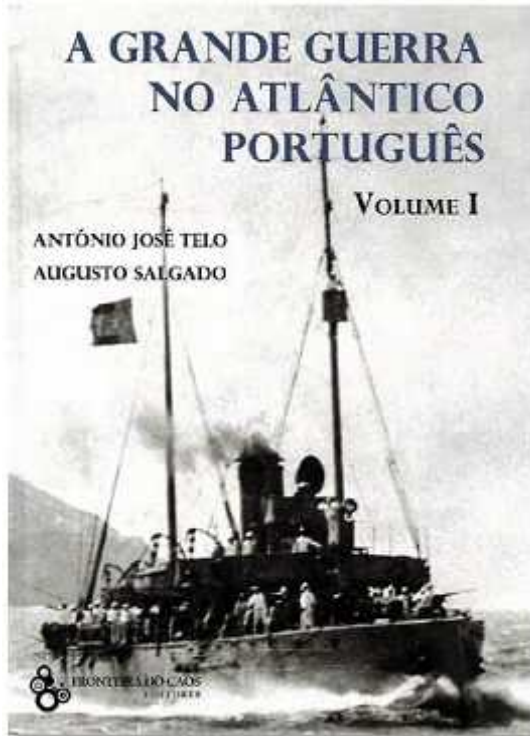
Resultado de profunda pesquisa histórica desenvolvida por Antônio José Telo e Augusto Alves Salgado, dois dos mais respeitados historiadores militares contemporâneos de Portugal, após mais de três

anos de trabalho e da consulta de documentação inédita, em arquivos nacionais e internacionais, como da Alemanha, Inglaterra, Estados- Unidos e da França, *A Grande Guerra no Atlântico Português* é centrado nos efeitos da guerra nas águas Atlânticas portuguesas. O objeto central do livro é o acompanhamento da guerra naval no Atlântico português nestes anos, em uma perspectiva diferenciada de qualquer outro trabalho anteriormente escrito.

A pesquisa abrange Portugal continental, os arquipélagos dos

---

<sup>1</sup> Resenha elaborada pelo Cel Carlos Roberto Carvalho Daróz.



Açores e de Cabo Verde, englobando, naturalmente a Madeira, e tem, como tema, o papel desempenhado pela Armada e pela Marinha Mercante portuguesas no que foi o maior conflito naval até então registrado, um período marcado não por grandes batalhas navais, mas por centenas de confrontos entre pequenas unidades, em uma área muito

vasta. Em termos geográficos engloba um amplo espaço marítimo, demarcado pelos paralelos de Finis-terra e de Cabo Verde, respectivamente a Norte e a Sul, e pelos Açores e o litoral continental de Portugal, a Oeste e Este. É uma ampla zona, que abarca cerca de um terço do Atlântico.

O professor Antônio José Telo destaca como o conflito representou



uma aceleração da tecnologia bélica, que terminou por envolver Portugal:

A Grande Guerra é um acelerador da mudança, em todos os campos mas em particular no tecnológico. É a altura em que múltiplas tecnologias chegam à maturidade e começam a produzir resultados. Isso é notório no campo naval. É a maturidade da guerra submarina que surpreende toda a gente, a começar pela Alemanha, que tinha uma frota submarina mínima quando começou a guerra. Ninguém esperava a dimensão daquela ameaça que põe em risco as comunicações oceânicas. É o nascimento também do poder aeronaval. Portugal é diretamente envolvido nisto. A guerra submarina liga-se ao Atlântico português e o poder aeronaval é utilizado pelos Estados Unidos ao criar a base naval dos Açores, em 1917, uma estação de hidroaviões para os fuzileiros americanos. Portugal é diretamente envolvido e vai receber apoio dos Estados Unidos, nos Açores, e da França, com a base aeronaval em São Jacinto, Aveiro.

O comandante Augusto Salgado, que além de historiador é

mergulhador e arqueólogo subaquático, aponta o prosseguimento das pesquisas, no sentido de expandir o conhecimento histórico sobre a participação de Portugal na Grande Guerra:

Juntos ainda não sabemos, mas em termos individuais estou a trabalhar numa série de áreas que têm a ver com o património cultural subaquático. Um destes 72 navios está afundado na entrada da barra do Tejo. É o *Patrão Lopes*, um navio de salvamento que vai ter um papel importante na Marinha portuguesa até 1936, quando se afunda. Eventualmente vou começar com a 2ª Guerra Mundial porque temos aviões, navios e submarinos afundados nesse período nas nossas águas. O trabalho não para.

Profusamente ilustrado com imagens a cores e preto e branco de alta qualidade, o livro é uma fonte historiográfica indispensável para todos aqueles que se propõem a estudar a história militar e a história naval.